



KADIDJA FERNANDES/AT

MARIA durante uma aula em Santa Inês. Ela, que é formada em Letras-Português, disse que já ajudou a formar mais de três mil alunos. “Quando são aprovados no vestibular, vejo que todo o meu esforço para ser professora valeu a pena”, afirmou

A TRIBUNA COM VOCÊ EM SANTA INÊS

Professora dá lição ao vencer desafios

Quando era criança, Maria Demuner foi recusada em escolas por causa de má-formação. Hoje ela dá aulas e é exemplo de superação

Thainná Karina

Abri a porta, comer, arrumar-se, lavar louças, escrever e até fazer uma “selfie” podem parecer tarefas simples. Mas, para a professora Maria da Consolação Demuner, 37 anos, que nasceu com apenas dois dedos na mão esquerda e sem o antebraço direito, essas atividades fazem parte de sua rotina de superação.

Apesar da necessidade de adaptação, já que ela teve também uma má-formação nos ossos que a impediu de crescer e a deixou com

dificuldades para se locomover, ela venceu os desafios, estudou e se tornou professora de Português no bairro onde nasceu e mora até hoje: Santa Inês, em Vila Velha.

“Fui criada como uma criança comum. Meus pais nunca facilitaram nada por eu ter uma deficiência física. Pelo contrário, me incentivaram a ser independente. Aprendi a comer, tomar banho, fazer as tarefas da escola, inclusive arrumar a casa e cozinhar”, disse.

Lia, como é conhecida, disse que aos 17 anos parou de crescer e sua altura é de 1,30 metro.

“Fui uma das vítimas do medicamento talidomida, que era indicado para grávidas contra enjoo e que causou más-formações em bebês no mundo todo. Mas nada me impede de fazer o que gosto: dar aulas, viajar, dançar.”

Lia contou que, por causa da má-formação, sua mãe não conseguia matriculá-la nas escolas.

“Ninguém me aceitava, até que Margarida Daher Carneiro e seu marido, diretores de uma escola em Vitória, me receberam.”

Após concluir o ensino médio, Lia fez Letras-Português e, há 14 anos, dá aulas pela manhã e tarde no Colégio Santa Catarina, em Santa Inês. Já à noite, ela dá aulas para o Educação de Jovens e Adultos (EJA), em outra escola do bairro.

“Já ajudei a formar mais de três mil alunos. Quando são aprovados no vestibular, vejo que todo o meu esforço para ser professora valeu a pena. Minha maior gratificação é vê-los felizes. Também serei eternamente grata aos meus pais e a esses diretores que me receberam”.

A diretora do colégio onde Lia trabalha, Maria Aparecida Sartori Cordeiro, disse que ela é querida na escola e no bairro. “É uma excelente professora, íntegra e que cativa a todos”, afirmou.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Carros atolavam nas ruas do bairro

- > **O BAIRRO** Santa Inês surgiu de um loteamento na década de 1960.
- > **OS TERRENOS** foram vendidos por uma imobiliária.
- > **A REGIÃO** era muito conhecida pelo cemitério que já existia no local.
- > **NA ÉPOCA**, não havia água encanada e era preciso buscá-la em bicas e poços com baldes e bacias.
- > **AS RUAS** eram um areal e os carros não passavam no local sem atolar.
- > **A AVENIDA** principal e algumas ruas ganharam pavimentação em 1980. Hoje, nela, se destacam os principais estabelecimentos comerciais.

Fonte: Moradores de Santa Inês

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Moradores de Santa Inês, Vila Velha, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens sobre o bairro. As sugestões devem ser enviadas para o e-mail atcomvoce@redetribuna.com.br, com nome e telefone. Quem é de outro bairro pode sugerir uma visita de **A Tribuna com Você** ao local.

AS RECORDAÇÕES

THAINNÁ KARINA



ALTAIR: “Não existia perigo”

“Tenho saudades da tranquilidade”

O portuário Altair Hortelã de Azevedo, 50 anos, mora em Santa Inês desde que nasceu. Ele lembrou que a avenida principal era estrada de chão e recordou sua infância.

“Lembro que a gente brincava na rua até mais tarde e nada acontecia. Não existia perigo como hoje. Os moradores tinham muita liberdade. Tenho saudades da tranquilidade. Foi uma época difícil pela falta de infraestrutura, mas, ao mesmo tempo, de muito sossego”.

THAINNÁ KARINA



MARIA GORETI: lembranças

“Não quero sair daqui nem quando eu morrer”

A recepcionista Maria Goreti Brindini, 49 anos, que mora em Santa Inês desde que nasceu, descreveu seu amor pelo bairro: “Amo esse lugar. Não quero sair daqui nem quando eu morrer”, afirmou.

Goreti mora na avenida Rui Braga Ribeiro, de frente para a praça, e ao lado do Cemitério Santa Inês. “Lembro da construção da escola, praça, do início do comércio. Meus pais foram um dos primeiros moradores. Esse bairro só me traz recordações especiais, por isso faço questão de quando morrer ser enterrada aqui no bairro”, disse.